

ANEXO D – Histórico Acadêmico em Winsconsin

THE UNIVERSITY OF WISCONSIN
OFFICIAL TRANSCRIPT

Jorge Zarur
1115 Van Buren Street, Madison, Wisconsin
Course Graduate School
Admission September, 1941 on B. S. degree
Colégio Pedro (Brazil)
Attendance Three semesters & one summer session
(undergraduate)

Dismissed to an honorable dismissal
June 1, 1942 Degree M. A.

Entrance Units	
Gen. Science Physics Physiography Zoology	Group B Agriculture Domestic Sci. Commercial Manual Arts Optional Total
Greek Latin German French Spanish	



Equivalent	Points
(93-100)	3
(83-92)	2
(77-84)	1
(70-76)	0
	0
	0

Curtis Maximilian
Registrar

1943
The charge for an additional transcript is one dollar

Registrar's Form No. 67

Zarur, Jorge
Rio de Janeiro, Brazil

		Reading Knowledge Tests	
		French	German
B.S. Colégio Pedro		1936	
M.A. University of Wisconsin 6-1-42		Preliminary Examinations	
		Major Field	
		Minor Field	
Ph. D.			
Graduate work in other institutions Univ. of Chicago - Field Geography			

Subject	Crs	Cr.	Instructor	Grd.	Title of Course	Instructor	Grd.
1st Sem. 1941-42 (Finch)							
Geography	111	2	Waibel	A	Geog of Middle America		
"	140	3	Trewartha	B	Climatography		
"	107	3	Waibel	A	Danubian-Balkan lands		
"	154	2	Trewartha	B	Seminary: Geog		
Geology	102	3	Menzies	A	Geomorphology (adv physiog)		
Soc. & anth.	106	-	Waibel	Aud	Field prob & methods		
2nd Sem. 1941-42 (Finch)							
Geography	110	-	Trewartha	Aud	Geog of Far East		
"	114	2	Waibel	A	Geog of Africa		
"	126	3	Finch	B	Cartography-graphics		
"	135	2	Trewartha	B	Geog fld mapping-fld techniques		
"	141	2	"	B	Climatog of continents		
"	232	2	Waibel	B	Seminary: Geog		
Pol. Science	258	-	Gaus	Aud	Sem in public adm		
SS 1942 (6 wks)							
Geography	200	6	Waibel	A	Read & res in geog		
1st sem. 1942-43 (Finch)							
Geography	103	3	Finch	B	Geog of North America		
"	107	3	Waibel	A	Geog of Mediterranean region		
"	232	2	Waibel	A	Seminary: Geog		
Agric. Econ.	117	-	Wehrwein	Aud	Outlines of Land econ		
"	226	2	Wehrwein	A	Seminary: Land prob		

ANEXO E – Entrevista com George Zarur.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome do Entrevistado: George Cerqueira Zarur

Data da Entrevista:

Grau de parentesco com Jorge Zarur: Filho mais velho

INFORMAÇÕES PESSOAIS

1) Onde Jorge Nasceu?

Nasceu no Rio, em Botafogo, Rua Conde de Irajá, e morava com os pais. Por um período ele morou com a madrinha e depois voltou pra casa (com cerca de 10 anos). Porque ele brigou com o pai pq ele queria estudar e o pai não queria que ele estudasse e sim que trabalhasse. Os irmãos roubavam comida para ele, apoiavam que ele estudasse. Nove irmãos: Elias, Fernando, Tio Dahas, Floriano, Amado, Georgina, Linda e Dagmar. Os mais velhos, Elias e Fernando trabalhavam para que os outros pudessem estudar.

2) Como foi a sua infância?

3) Como você descreveria a personalidade dele?

Era uma pessoa com uma personalidade extremamente carismática, extremamente comunicativa fascinava as pessoas ao redor dele.

4) E o estilo de vida?

Tinha pouco contato com os filhos. Trabalhava demais, chegava tarde em casa, tinha mais contato com ele nos feriados e férias. Era professor do Colégio Pedro II, do Instituto de Educação, da PUC, ainda trabalhava no IBGE e acumulou a função de Diretor do Centro Latino Americano de Recursos Naturais, ligado ao IPGH. Trabalhava feito louco. Ele tinha muito aquele negócio de infância pobre que queria subir na vida.

5) Quando se casou?

Casou em 1945.

6) Como ele conheceu a Tia Cecília?

Conheceu num navio. Ele estava indo para os EUA e ela tb e a Dina Venâncio, uma amiga dela, apresentou a ele antes deles embarcarem no navio. Eles embarcaram. Ele era noivo de uma mulher, quebrou o noivado e ficou com a Cecília. No navio SS Brasil, um navio de luxo.

7) Qual era a formação dela?

Advogada, se formou em Direito na Faculdade Nacional de Direito, no Catete. Ela nasceu em Curitiba por acaso. A família dela era paulista. O pai era pastor presbiteriano então ele ia para diferentes lugares, mas a família era muito paulista. Então ela foi pro Rio pq a família foi e ela foi junto, mas não ficou morando na casa, ficou morando no Colégio Benete

8) Sei que ela era uma mulher muito interessante a frente do seu tempo, gostaria que você explicasse porque ela é vista dessa forma?

No tempo dela, as mulheres profissionais não eram muitas. E ela não só foi uma profissional, uma advogada como ela ainda foi, se não me engano a segunda, talvez a primeira procuradora da república. Então que isso tudo causou um impacto. Se casaram no civil e não na igreja.

9) Quais foram os anos de nascimento dos seus filhos?

Geo – 1946
Carlos - 1948

10) Jorge levou a família para os Estados Unidos quando foi estudar lá?

Não

11) Ele morou fora da sua cidade natal antes disso? Quando e onde?

Não

INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS

12) Como você vê a trajetória profissional do Jorge?

Muito, muito rápida. Naquele tempo o Brasil tinha muitos espaços a serem ocupados e ele ocupou um deles. Ele enfrentou uma resistência brutal no IBGE, pq ele era uma pessoa de origem humilde, filho de imigrantes. E dentro do IBGE a Geografia estava na mão de nomes ilustres. Era um país extremamente fechado. E ele, de certa forma, invadiu o esquema da geografia.

13) Como ele entrou na Geografia? Qual foi a motivação?

Foram os professores dele no Pedro II. Pq ele foi aluno do Pedro II. Ele era muito, muito pobre, né... e ele tinha aquela capacidade, aquela inteligência, aquele carisma pessoal e os professores ficaram fascinados com eles. Fala-se aí, eu me lembraria do Carlos Delgado de Carvalho, do Raja Gabaglia, alguns professores.... Então por influência desses caras.... ele fez Direito também, na antiga Universidade do Distrito Federal. Acho que ele fez os dois concomitantemente. Ele nunca exerceu Direito. Foi presidente de Diretório Acadêmico.

14) Como foi a sua relação com a Geografia?

15) Que cursos ele fez depois da graduação. Tem documentos.

Mestrado nos EUA, que na época ninguém fazia. Doutorado nem pensar. Assim como Gilberto Freire e outros tiraram mestrado nos EUA. Gilberto Freire 10, 15 anos antes dele. Mas ele foi uns dos pioneiros em ir para o exterior.

16) Algum fato mais marcante?

Chama a atenção na trajetória dele a luta dentro do IBGE. A guerra de foice que foi aquilo. Uma luta absolutamente terrível. Se eles pudessem eles o teriam matado. Foi o negócio de uma violência inacreditável.... Os antigos Geógrafos do IBGE Lysia Bernardes, Leite de Castro, Fábio Macedo Soares não queriam abrir.... então ele entrou em choque com eles... Eu me lembro quando ele morreu um cara lá escreveu num jornal que ele era muito inteligente, brilhante ... mas que pena que a inteligência dele fosse tão desperdiçada... Minha mãe escreveu um artigo pro Jornal do Brasil xingando o cara.... chamando ele de covarde... aproveitando q ele tinha morrido... Enfim...

Quando chegou no IBGE, homenagem e tal... eu tinha 10 anos e me botaram para fazer um discurso... E eu me lembro que um cara desses veio me cumprimentar depois e eu virei as costas de tanta raiva, tanto ódio... Eu não entendia, mas me contaram... eu li o discurso que minha mãe escreveu.

Essa briga era por poder e linha dentro da geografia. Por Política partidária... meu pai era mais do PSD, tio Faissol tb... os outros caras eram mais da UDN...

Dentro da Geografia o meu pai foi mais para a geografia americana, o Tio Faissol depois foi para a Geo quantitativa. E os caras eram mais ... eles não eram mais.... eles não eram quantitativos, eles eram qualitativos mas não eram marxistas. Eles eram muito conservadores.

Porque depois do Milton Santos, a geografia qualitativa ficou identificada com o marxismo e eles não eram... eles eram absolutamente reacionários.

Eles eram ligados a uma geo um pouco francesa... e muita coisa local tb... e era um negócio violentíssimo. E briga política. Quem é que ia ocupar os cargos de direção do IBGE... PSD ou UDN.

17) Você lembra-se de alguma figura nacional marcante entre os amigos mais próximos do Jorge? Quem? Qual era o tipo de relação?

Josué de Castro, Ieda Linhares. Viviam um na casa do outro... Viviam se visitando.

18) A partir do que você já leu dele, você acha possível identificar algum eixo político-ideológico em sua produção?

Não ideológico... mas político sim. Eu diria que ele era mais voltado pro PSD, né... do Juscelino, quando eles fizeram campanha pro Juscelino... Ele participou do Plano de Metas. Ele e tio Faissol. Na época a Geo era muito mais importante do que é hj. A Geo era assim que nem a economia é hj sabe em planejamento... então eles participaram disso e mais de uma porção de coisas... Os outros não, os outros eram da UDN, da direto... Eles conversavam com os comunistas... Tinham vários amigos da esquerda. Eles eram amicíssimos do Josué de Castro, Ieda Linhares.

Ele achava que o mundo caminhava para o socialismo. Ele era muito católico, profundamente católico. Então ele acreditava que o mundo caminhava para o socialismo mas ele procurava vertentes mais discretas e suaves, dentro do cristianismo... do catolicismo. Minha ma~e não era nem um pouco. Ela era protestante.

19) Como você vê o envolvimento dele na construção do IBGE enquanto projeto institucional?

20) Fale um pouco sobre a atuação dele no IBGE

21) E a relação dele com Fábio Macedo Soares e família... como José Macedo Soares.

22) É possível identificar no pensamento dele alguma referência a sua trajetória espacial:

Era uma geografia mais moderna. A brasileira era muito fossilizada... ainda no esquema do século XIX.

23) Ele tinha alguma relação afetiva com o Rio São Francisco?

Não tenho ideia.

24) Como ele morreu?

Derrame cerebral. Tinha 40 anos... tava subindo a serra de Petrópolis e teve um derrame fulminante e já chegou morto. Ameaça cardíaca, que foi o que o levou e tb tinha leucemia.

25) Você acha que a carreira dele influenciou a sua? De que forma?

Sim. Pq eu sou antropólogo... antropólogo e Geógrafo.... tem uma relação... é claro que eu tive outras influências... como os Irmãos Vilas Bôas...

26) Como eram as relações políticas dele?

Ele ia ser chefe de gabinete, chefe da Casa Civil do Juscelino... uma posição ministerial... morreu antes... Ele estava se encaminhando para fazer carreira junto ao Juscelino mas morreu antes... Ele chegou a trabalhar no Catete quando Juscelino estava lá. Ele era muito ligado ao Juscelino por causa do meu Tio Nélio, irmão da minha mãe. Ele era Coronel e foi comandante da PM de Minas. E a PM de Minas, na época, as polícias eram exércitos regionais, né... e jogam com o poder né, viviam ameaçando insurreição, revolução, Minas,

São Paulo.... Então, meu tio, foi ele bancou a posse de Juscelino, e foi meu tio que estabeleceu a relação do meu pai com Juscelino. Juscelino era muito amigo do meu tio. Ele bancou militarmente.... Eu me lembro na nossa casa inclusive... que virou sede do partido do PSB. Faziam reunião... vivia cheia de milico lá... conspiração direto. Inclusive contrabando de armas.... Eles chegaram a armar a polícia mineira pra encarar né... Eu escrevi um artiguinho sobre isso... se vc entrar no meu site... se chama JK, saudades do Brasil... e eu conto isso.

27)Havia grande influência da comunidade árabe em sua trajetória pessoal e profissional?

Não. Como a comunidade Árabe ia ajuda-lo? Não tinha como. Era uma comunidade voltada para fazer dinheiro... para o comércio.... Não para a geografia, não para a ciência. Apenas de que em São Paulo o maior geógrafo daquela época era o Aziz Ab´Saber. Mas fica nisso.

ANEXO F - Entrevista com Linda e Geraldo, irmã e sobrinho de Zarur.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data da Entrevista: 3 de abril de 2015

Nome do Entrevistado e Grau de parentesco com Jorge Zarur: Linda - Irmã de Jorge Zarur

Data de nascimento: 28 de março de 1928.

1) Fale um pouco do Jorge e da infância de vocês.

Nós nascemos todos na Rua Senhor dos Passos e Rua da Alfandêga. Meu pai tinha Quitanda na Rua da Alfandega, no Centro da Cidade. Todo mundo trabalhava na Quitanda do meu pai, até os primos. Quando as frutas estavam muito maduras, o Fernando, seu avô, fazia uma caixa lá que ele tinha e vendia melância e abacaxi em pedaços. Vendia de tudo na Quitanda. Galinha, ovo cozido...

A gente frequentava uma igreja árabe, na Gomes Freire, em que as mulheres sentam de um lado e os homens do outro. Igreja Ortodoxa, que usava véu na cabeça e tudo. Meu pai e minha mãe levavam a gente.

Na páscoa o pessoal cozinha o ovo com casca de cebola e faz uma brincadeira.

2) Com quantos anos você foi morar com ele? Ou em que ano?

Eram 9 nove filhos (Irmãos). Quando a mãe morreu os irmãos mais novos foram para casa dos irmãos mais velhos. A minha mãe morreu dormindo. Ela se chamava Helena e por causa dele hoje tem Helenas na família.

3) Como era a sua convivência com Jorge e Celília?

Era ótima. Cecília era mulher muito inteligente e muito boa. Ela realizava diversos jantares para alunos de Jorge e colegas deles. Eles viajam muito e Jorge trabalhava muito também.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data da Entrevista: 3 de abril de 2015

Nome do Entrevistado e Grau de parentesco com Jorge Zarur: Geraldo - Sobrinho

Fala livre sobre os avós

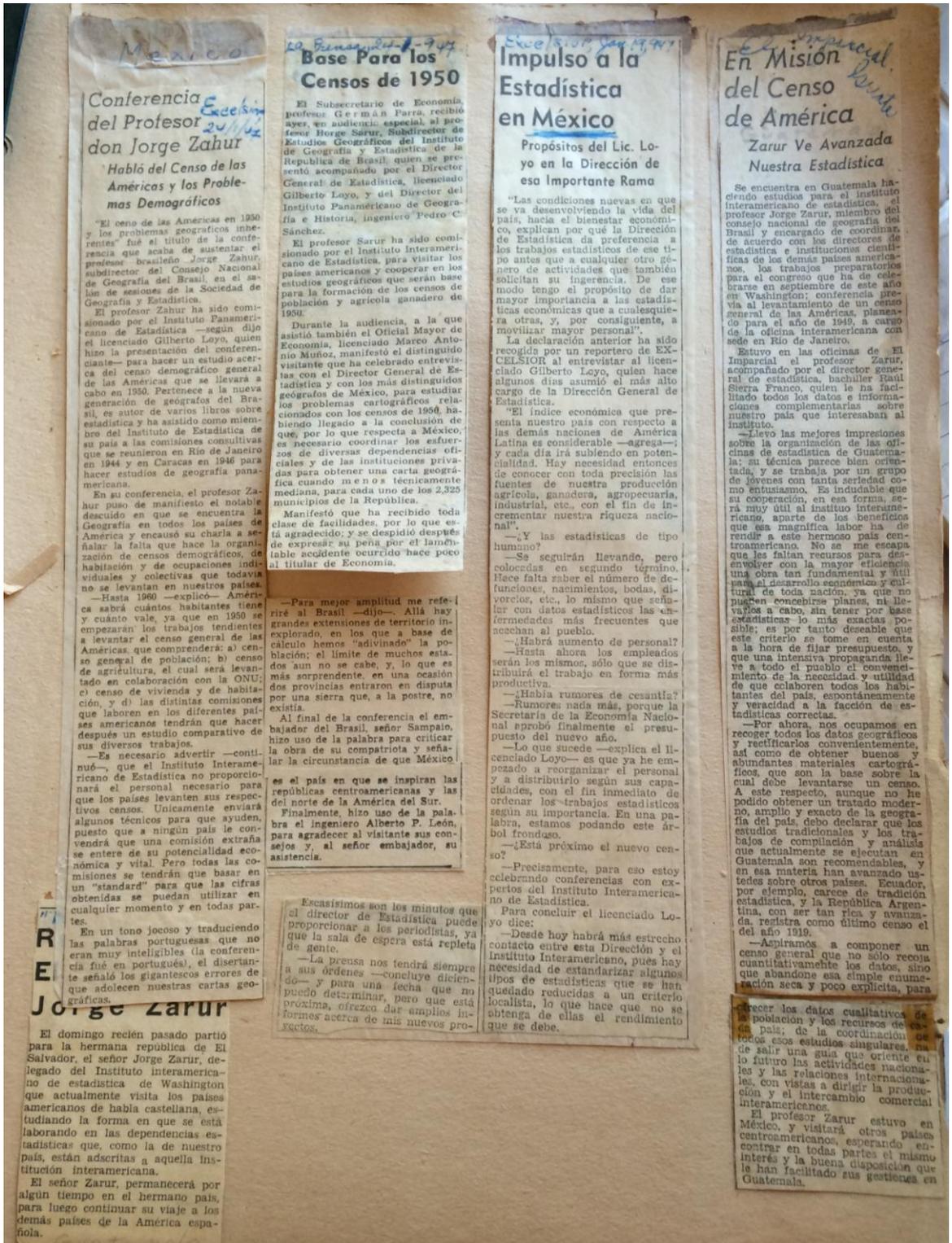
Eu ouvi essa história, que a família Zarur lá... Por que na realidade Zarur era o nome do local, da tribo. Não sei até onde isso é verdade... Por exemplo, os nossos avós eram fulano el Zarur, ou seja, fulano da tribo Zarur. Quer dizer o nosso avô, o Charrud Velho, era El Zarur, tinha o El, e o El queria dizer que era daquela tribo lá, e que essa tribo Zarur lá no Líbano era uma tribo rica, tinha terrenos, tinha petróleo, terreno com petróleo inclusive, e que os bisavós, que dizer os pais, não sei se da minha avó ou do meu avô, foi degolado numa dessas brigas tribais. Pq lá eles têm mania de cortar o pescoço mesmo.

Me disseram que lá tinha muita terra e muito petróleo nessa terra. Eu sei que alguém da família já andou fazendo uma pesquisa pra ver sobre essas terras, mas não conseguiu muita coisa não.

Eu sei que uma vez chegou no Rio uma carta de alguém de lá pedindo uma procuração.

A história da cultura Tribal. A família Zarur ainda tem esse instinto tribal, que o nosso avô tinha, em que os mais velhos reuniam os mais novos para contar histórias e passar experiência.

ANEXO G – Matérias de Jornal sobre os preparativos para o Censo Continental das Américas, de 1950.



México

Conferencia del Profesor don Jorge Zarur

Excelencia
24/1/50

Habló del Censo de las Américas y los Problemas Demográficos

"El censo de las Américas en 1950 y los problemas geográficos inherentes" fué el título de la conferencia que acaba de sustentar el profesor brasileño Jorge Zarur, subdirector del Consejo Nacional de Geografía del Brasil, en el salón de sesiones de la Sociedad de Geografía y Estadística.

El profesor Zarur ha sido comisionado por el Instituto Panamericano de Estadística —según dijo el licenciado Gilberto Loyo, quien hizo la presentación del conferenciante— para hacer un estudio acerca del censo demográfico general de las Américas que se llevará a cabo en 1950. Pertenece a la nueva generación de geógrafos del Brasil, es autor de varios libros sobre estadística y ha asistido como miembro del Instituto de Estadística de su país a las comisiones consultivas que se reunieron en Río de Janeiro en 1944 y en Caracas en 1946 para hacer estudios de geografía panamericana.

En su conferencia, el profesor Zarur puso de manifiesto el notable descuido en que se encuentra la Geografía en todos los países de América y encausó su charla a señalar la falta que hace la organización de censos demográficos, de habitación y de ocupaciones individuales y colectivas que todavía no se levantan en nuestros países.

—Hasta 1900 —explicó— América habrá cuantos habitantes tiene y cuánto vale, ya que en 1950 se empezaron los trabajos tendientes a levantar el censo general de las Américas que comprenderá: a) censo general de población; b) censo de agricultura, el cual será levantado en colaboración con la ONU; c) censo de vivienda y de habitación; y d) las distintas comisiones que laboren en los diferentes países americanos tendrán que hacer después un estudio comparativo de sus diversos trabajos.

—Es necesario advertir —continuó— que el Instituto Interamericano de Estadística no proporcionará el personal necesario para que los países levanten sus respectivos censos. Únicamente enviará algunos técnicos para que ayuden, puesto que a ningún país le convendrá que una comisión extranjera se entere de su potencialidad económica y vital. Pero todas las comisiones se tendrán que basar en un "standard" para que las cifras obtenidas se puedan utilizar en cualquier momento y en todas partes.

En un tono jocoso y traduciendo las palabras portuguesas que no fueran muy inteligibles (la conferencia fué en portugués), el disertante señaló los gigantescos errores de que adolecen nuestras cartas geográficas.

R
E
Jorge Zarur

El domingo recién pasado partió para la hermana república de El Salvador, el señor Jorge Zarur, delegado del Instituto Interamericano de estadística de Washington que actualmente visita los países americanos de habla castellana, estudiando la forma en que se está laborando en las dependencias estadísticas que, como la de nuestro país, están adscritas a aquella Institución Interamericana.

El señor Zarur, permanecerá por algún tiempo en el hermano país, para luego continuar su viaje a los demás países de la América española.

20. Buenos Aires - 24/1/50

Base Para los Censos de 1950

El Subsecretario de Economía, profesor Germán Parra, recibió ayer, en audiencia especial, al profesor Jorge Zarur, Subdirector de Estudios Geográficos del Instituto de Geografía y Estadística de la República de Brasil, quien se presentó acompañado por el Director General de Estadística, licenciado Gilberto Loyo, y del Director del Instituto Panamericano de Geografía e Historia, ingeniero Pedro C. Sánchez.

El profesor Zarur ha sido comisionado por el Instituto Interamericano de Estadística, para visitar los países americanos y cooperar en los estudios geográficos que serán base para la formación de los censos de población y agrícola ganadero de 1950.

Durante la audiencia, a la que asistió también el Oficial Mayor de Economía, licenciado Marco Antonio Muñoz, manifestó el distinguido visitante que ha celebrado entrevistas con el Director General de Estadística y con los más distinguidos geógrafos de México, para estudiar los problemas cartográficos relacionados con los censos de 1950, habiendo llegado a la conclusión de que, por lo que respecta a México, es necesario coordinar los esfuerzos de diversas dependencias oficiales y de las instituciones privadas para obtener una carta geográfica cuando me en o s técnicamente mediana, para cada uno de los 2,325 municipios de la República.

Manifiesto que ha recibido toda clase de facilidades, por lo que está agradecido, y se despidió después de expresar su pena por el lamentable accidente ocurrido hace poco al titular de Economía.

—Para mejor amplitud me referiré al Brasil —dijo—. Allí hay grandes extensiones de territorio inexplorado, en los que a base de cálculo hemos "adivinado" la población; el límite de muchos estados aun no se sabe, y, lo que es más sorprendente en una ocasión dos provincias entraron en disputa por una sierra que, a la postre, no existía.

Al final de la conferencia el embajador del Brasil, señor Sampaio, hizo uso de la palabra para criticar la obra de su compatriota y señalar la circunstancia de que México

es el país en que se inspiran las repúblicas centroamericanas y las del norte de la América del Sur.

Finalmente, hizo uso de la palabra el ingeniero Alberto P. León, para agradecer al visitante sus consejos y, al señor embajador, su asistencia.

Escasísimos son los minutos que el director de Estadística puede que la sala de espera está repleta de gente.

—La prensa nos tendrá siempre a sus órdenes —concluye diciendo— y para una fecha que no puedo determinar, pero que está próxima, ofreceré dar amplios informes acerca de mis nuevos proyectos.

Excelencia, 24/1/50

Impulso a la Estadística en México

Propósitos del Lic. Loyo en la Dirección de esa Importante Rama

"Las condiciones nuevas en que se va desenvolviendo la vida del país, hacia el bienestar económico, explican por qué la Dirección de Estadística da preferencia a los trabajos estadísticos de ese tipo antes que a cualquier otro género de actividades que también solicitan su ingerencia. De ese modo tengo el propósito de dar mayor importancia a las estadísticas económicas que a cualesquiera otras, y, por consiguiente, a movilizar mayor personal".

La declaración anterior ha sido recogida por un reportero de EXCELSIOR al entrevistar al licenciado Gilberto Loyo, quien hace algunos días asumió el más alto cargo de la Dirección General de Estadística.

"El índice económica que presenta nuestro país con respecto a las demás naciones de América Latina es considerable —agrega—, y cada día irá subiendo en potencialidad. Hay necesidad entonces de conocer con toda precisión las fuentes de nuestra producción agrícola, ganadera, agropecuaria, industrial, etc., con el fin de incrementar nuestra riqueza nacional".

—Y las estadísticas de tipo humano —se seguirán llevando, pero colocadas en segundo término. Hace falta saber el número de defunciones, nacimientos, bodas, divorcios, etc., lo mismo que señalar con datos estadísticos las enfermedades más frecuentes que acechan al pueblo.

—¿Habrá aumento de personal? —Hasta ahora los empleados serán los mismos, sólo que se distribuirá el trabajo en forma más productiva.

—¿Había rumores de cesantía? —Rumores nada más, porque la Secretaría de la Economía Nacional aprobó finalmente el presupuesto del nuevo año.

—Lo que sucede —explica el licenciado Loyo— es que ya he empezado a reorganizar el personal y a distribuirlo según sus capacidades, con el fin inmediato de ordenar los trabajos estadísticos según su importancia. En una palabra, estamos podando este árbol frondoso.

—Esta próximo el nuevo censo? —Precisamente, para eso estoy celebrando conferencias con expertos del Instituto Interamericano de Estadística.

Para concluir el licenciado Loyo dice:

—Desde hoy habrá más estrecho contacto entre esta Dirección y el Instituto Interamericano, pues hay necesidad de estandarizar algunos tipos de estadísticas que se han quedado reducidas a un criterio localista, lo que hace que no se obtenga de ellas el rendimiento que se debe.

Excelencia, 24/1/50

En Misión del Censo de América

Zarur Ve Avanzada Nuestra Estadística

Se encuentra en Guatemala haciendo estudios para el Instituto Interamericano de estadística, el profesor Jorge Zarur, miembro del consejo nacional de geografía del Brasil y encargado de coordinar, de acuerdo con los directores de estadística e instituciones científicas de los demás países americanos, los trabajos preparatorios para el congreso que ha de celebrarse en septiembre de este año en Washington; conferencia previa al levantamiento de un censo general de las Américas, planeado para el año de 1950 a cargo de la oficina interamericana con sede en Río de Janeiro.

Estuvo en las oficinas de El Imparcial el profesor Zarur, acompañado por el director general de estadística, bachiller Raúl Sierra Franco, quien le ha facilitado todos los datos e informaciones complementarias sobre nuestra país que interesaban al instituto.

—Llevo las mejores impresiones sobre la organización de las oficinas de estadística de Guatemala; su técnica parece bien orientada, y se trabaja por un grupo de jóvenes con tanta seriedad como entusiasmo. Es indudable que su cooperación, en esa forma, será muy útil al Instituto Interamericano, aparte de los beneficios que esa magnífica labor ha de rendir a este hermoso país centroamericano. No se me escapa que les faltan recursos para desenvolver con la mayor eficiencia una obra tan fundamental y útil para el desarrollo económico y cultural de toda nación, ya que no pueden concebirse planes, ni llevarlos a cabo, sin tener por base estadísticas lo más exactas posible; es por tanto deseable que este criterio se tome en cuenta a la hora de fijar presupuesto, y que una intensiva propaganda lleve a todo el pueblo al convencimiento de la necesidad y utilidad de que elaboren todos los habitantes del país, espontáneamente y veracidad a la facción de estadísticas correctas.

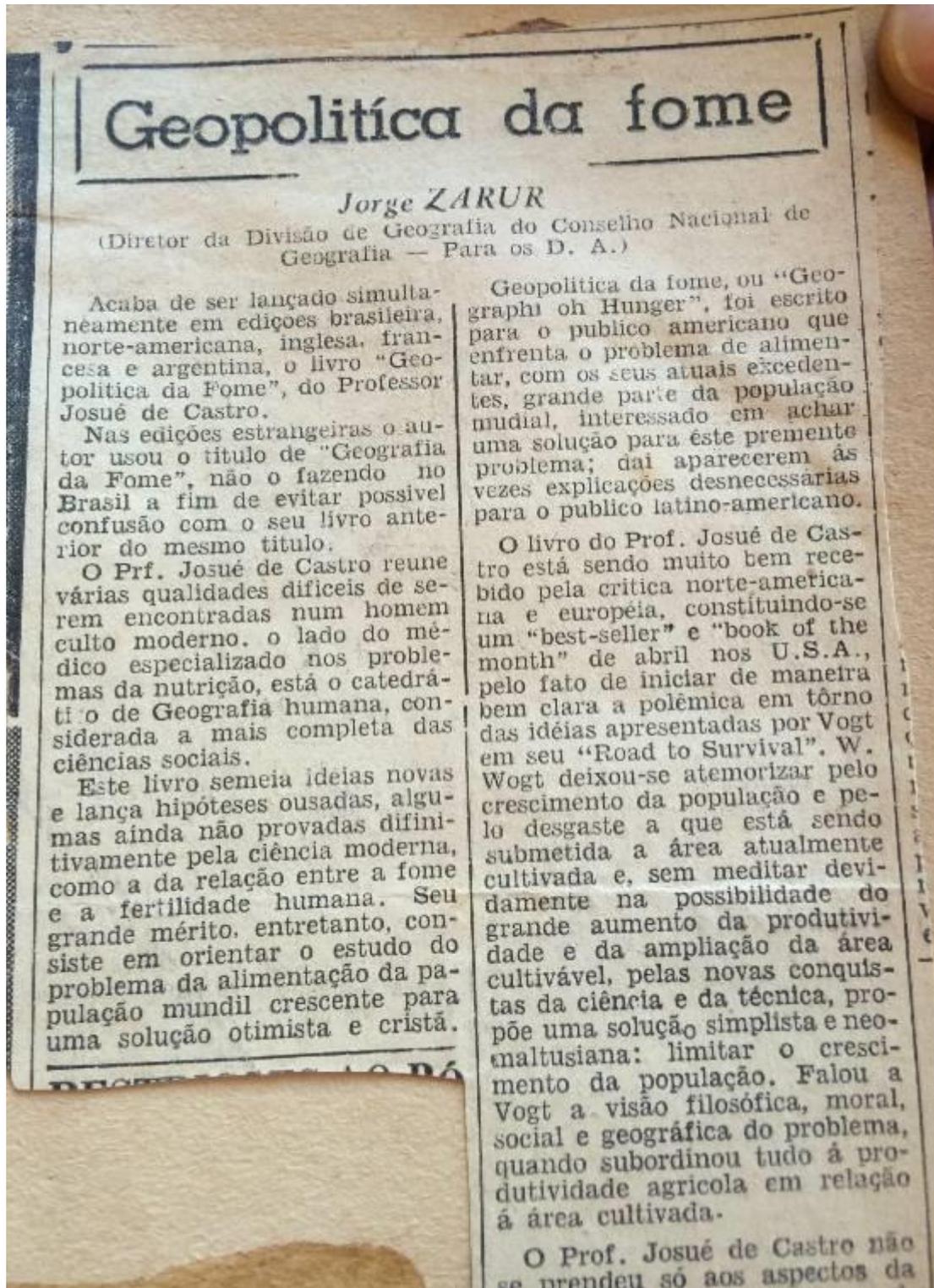
—Por ahora, nos ocupamos en recoger todos los datos geográficos y rectificarlos convenientemente, así como de obtener buenos y abundantes materiales cartográficos, que son la base sobre la cual debe levantarse un censo. A este respecto, aunque no he podido obtener un tratado moderno, amplio y exacto de la geografía del país, debo declarar que los estudios tradicionales y los trabajos de compilación y análisis que actualmente se ejecutan en Guatemala son recomendables, y en esa materia han avanzado ustedes sobre otros países. Ecuador, por ejemplo, carece de tradición estadística, y la República Argentina, con ser tan rica y avanzada, registra como último censo el del año 1919.

—Aspiramos a componer un censo general que no sólo recoja cuantitativamente los datos, sino que abandone esa simple enumeración seca y poco explícita, para

obtener los datos cualitativos de la población y los recursos de cada país; de la coordinación de estos esos estudios singulares, para de salir una guía que oriente en lo futuro las actividades nacionales y las relaciones internacionales, con vistas a dirigir la producción y el intercambio comercial interamericanos.

El profesor Zarur estuvo en México, y visitará otros países centroamericanos, esperando encontrar en todas partes el mismo interés y la buena disposición que le han facilitado sus gestiones en Guatemala.

ANEXO H – Apresentação do livro Geopolítica da Fome, de Josué de Castro.



Geopolítica da Fome – Inteiro



Geopolítica da

(Conclusão da 10.ª página)
 O livro da metodologia da Geopolítica, que até bem pouco era considerado somente sob o ponto de vista positivista de justificar alguma política exterior, e não como um método visando objetivos e a compreensão da paz. Não existe problema mais acientificamente que o da produção mundial de alimentos e de sua distribuição com os povos menos favorecidos, a fim de evitar as grandes transformações drásticas político-social do mundo em que vivemos.

Em nossa opinião, os princípios fundamentais em que se assenta toda a metodologia da Geopolítica necessitam de uma revisão. Os princípios estáticos de Haushofer, deformados por parte desmentido pelos acontecimentos sociais, políticos, econômicos e militares dos nossos tempos. O título "Geopolítica da fome" é uma sugestão feita para o início desta revisão. Há muitos anos que temos pedido a atenção dos estudiosos para a necessidade de re-exame das hipóteses fundamentais da Geopolítica que, a nosso ver, é o estudo dos aspectos mais importantes de uma região, de sua situação e de seus recursos com o objetivo de determinar a sua posição na política mundial. Não nos cansamos, por outro, o significado negativista "necessário e arbitrário" dado à Geopolítica pela maioria dos autores. É mais simpático e humano o novo caminho sugerido pelo Prof. José de Castro.

Os aspectos médicos e sociais do problema da fome foram considerados na primeira parte do livro sob os títulos "O Trágico da fome" e "Os matizes da fome", onde o Autor apresenta os elementos essenciais da fome que defende e que se resume seguinte: existe fome de vários tipos e intensidades devido a ignorância, à falta de educação, à inadequada distribuição da produção mundial de alimentos. Encontra na própria fome uma causa fundamental de uma "volúncia social" que ora se apresenta.

Achamos que neste capítulo a conservação dos recursos naturais merecia mais amplo e tudo, como um dos meios de resolver o problema da fome. Quanto à tese de que a fome é causada pela superpopulação, é uma idéia já aceita por muitos demógrafos modernos e que precisa ser provada de maneira decisiva. O fato no entanto existente na República do Salvador, região Asiática das monções, até certo ponto, no nosso abandonado Nordeste.

A segunda parte do livro, sob o título os "Matizes da Fome" constitui uma análise regionalizada do assunto, dentro da metodologia da Geografia moderna.

A regionalização foi feita continente e em escala pequena razão que explica porque deve ser tratado, com a devida amplitude, o problema da produção de alimentos nesses continentes. Concentra-se o autor principalmente nos aspectos

RNAL — Domingo, 20 de

marcos e métodos da fome, mencionando, sobretudo, o desperdício e a falta de aproveitamento das áreas da produção e da produtividade. O capítulo melhor e mais bem cuidado é o relativo ao Novo Mundo (cap. III) e capítulo IV, "A Fome na Veia Ásia", apresenta somente alguns aspectos e permanente e sua magnitude apesar do esforço do autor. Os capítulos V e VI tratam da fome na África e na Europa. Ambos são interessantes, mas parece principalmente com a caracterização histórica e política da fome nesses continentes, sem bem precisar o problema atual.

O livro deixa de comparar a situação do mundo ocidental com o dos países da "Cortina de Ferro". Indica a Rússia, mas o próprio Autor informa que que não o fez, quando afirma que "Temos a impressão que os dados de uma outra área, de fato, que qualquer informação tentado uma interpretação total, falaria por completo a realidade singular dos fatos em cada uma dessas áreas. Para evitar a que estaríamos expostos a uma tentativa de uma interpretação suficiente, e que desistimos de levar a efeito esta tarefa. Não desistimos, no entanto, de completar nossas análises do fenômeno universal e, por isto, continuamos a estudar o problema e premetemos que, dispondo futuramente de material suficiente ou mesmo se nos for possível uma verificação direta da realidade nas diferentes zonas do mundo sofrido, escreveremos um livro inteiro cuidando exclusivamente do estudo do problema da fome nessa região até hoje tão discutida, tão misteriosa, tão combatida e tão temida e de cuja conduta política dependem cada vez mais a paz e a tranquilidade do mundo inteiro".

Na terceira parte — "Um Mundo sem Fome" são apresentados as conclusões e sugestões para a obtenção dos alimentos e a cultura.

Geopolítica da fome

Jorge ZARUR

(Diretor da Divisão de Geografia do Conselho Nacional de Geografia — Para os D. A.)

Acaba de ser lançado simultaneamente em edições brasileira, norte-americana, inglesa, francesa e argentina, o livro "Geopolítica da Fome", do Professor José de Castro.

Nas edições estrangeiras o autor usou o título de "Geografia da Fome", não o fazendo no confusão com o seu livro anterior do mesmo título.

O Prof. José de Castro reúne várias qualidades de escritor e encontrou em um homem culto e especializado nas questões da nutrição, está o cadeira de Geografia humana, considerada a mais completa das ciências sociais.

Este livro semia ideias novas e lança hipóteses ousadas, algumas ainda não provadas distintamente pela ciência moderna, e a fertilidade humana. Seu grande mérito, entretanto, consiste em orientar o estudo do problema da alimentação da população mundial crescente para uma solução otimista e criativa.

O Prof. José de Castro não se prendeu só aos aspectos da base física do problema; considerou por vários ângulos inter-relacionados, concluindo de maneira contrária a Vogt, porque acredita na possibilidade de ampliar a área cultivada, de aumentar a produtividade de certas espécies vegetais e animais, e também na possibilidade de melhor distribuição mundial dos alimentos produzidos.

Na obra do Prof. José de Castro o prefácio de Lord John Boyd Orr apresenta uma filosofia atual, e nela, este inglês de poucas palavras e muito gênio afirma o seguinte: "Se os políticos de todas as nações pudessem esquecer por um momento os seus conflitos políticos e ler este livro, seus debates preconcebidos, adquiririam certamente uma visão mais sadia dos problemas universais e teriam assim maior possibilidade de salvar nossa civilização de perecer numa terceira guerra mundial".

Nas próprias palavras do autor, este livro tem por objetivo: "estudar o terrível fenômeno da erosão que a fome está provocando no homem e na civilização. Erosão que ameaça remover o apagar de vez da superfície da terra, toda essa gigantesca obra humana esculpida pelo trabalho árduo de centenas de sucessivas gerações". Conseguiu o Prof. José de Castro atingir os seus objetivos? Veremos.

Aplaudimos a idéia de considerar o problema da fome dentro

(Continua na 3.ª página)

ANEXO I – Carta de Delgado de Carvalho.

MEU FILHO JORGE

Era um menino vivo e inquieto, este meu Jorge Zarur, quando o encontrei numa turma do Colégio Pedro II. Bom aluno e estudioso, era e franca em pessoa; simpatizava com os professores quando os sentia dedicados e amistosos. Para seus colegas, além de bom companheiro, era defensor alerta de seus direitos e auxiliar indispensável em todas as ocasiões. Por isso, seu espírito de iniciativa era amplamente explorado por seus amigos, que confiavam na sua generosidade e no seu profundo senso de responsabilidade. Os seus colegas de Pedro II nunca esquecerão os serviços que lhes prestou, o exemplo que lhes deu, com suas qualidades de liderança.

No Fernando Raja Cabaglia e em mim cedo percebeu Jorge a simpatia que lhe votávamos. Tornou-se mais do que nosso discípulo, fez-se nosso amigo e de nós nunca se esqueceu nos trabalhos de geografia que veio a escrever. Ainda no Colégio Pedro II, constantemente procurava amenizar os contatos profissionais que tínhamos com os seus colegas, tal a confiança que nêle depositávamos para a direção do colégio. Antes de Jorge, foi-se o Fernando, que hoje, estava comigo a deplorar a perda do jovem amigo, do discípulo querido.

Quando, voltando de minha visita às Universidades dos Estados Unidos, em 1940, recebi da Universidade de Wisconsin uma bolsa de estudos de geografia para um aluno meu, sem a menor hesitação, escolhi o nome de meu filho espiritual, Jorge Zarur, apesar de não ser o seu professor da matéria. Foi bem aceita a minha recomendação e, imediatamente procurou êle recordar as noções de inglês que havia colhido no nosso Colégio. Em pouco tempo, já com bom vocabulário, embarcava êle para os Estados Unidos, onde, em Madison, teve os melhores mestres da geografia americana. De lá, recebia eu as suas cartas cheias de entusiasmo e de promessas. Lá também soube colher a simpatia dos que dêle se ocuparam.

Jorge Zarur conheceu então a vida estrangeira, fez-se aos hábitos e costumes, despertou, com a sua inteligência brilhante e seu aproveitamento, o interesse de mestres eminentes que obtiveram a prolongação de sua estadia.

Por isso, quando de volta ao Brasil, foi acertadamente enviado de novo aos Estados Unidos, em missão técnica, por Cristóvão Leite de Castro. E lá, para o maior proveito seu e do Conselho Nacional de Geografia, tirou partido Jorge das boas amizades feitas quando estudante. Muito obteve êle da simpatia dos mestres americanos, ficando, de então em diante, a sua vida ligada às relações profissionais que o nosso país mantém com os Estados Unidos. Jorge foi o êle mais poderoso desta cooperação que nos é tão útil. Com a sua esclarecida generosidade, fez questão, no Conselho de Geografia, que companheiros seus também tivessem a oportunidade de ir estudar onde êle havia se formado. Enviou jovens geógrafos aos Estados Unidos e obteve que mestres americanos viessem nos visitar. *E assim, durante alguns anos, zaimador* ativo e bom conselheiro, foi o braço direito de Cristóvão Leite de Castro na administração do Conselho de Geografia que, no dia 24 dêste mês, perfaz os seus vinte anos de existência.

Depois? - Depois, a vida de Jorge Zarur pertence à história da geografia brasileira que todos conhecem. Há dias ainda, o distinto geógrafo Ney Strauch, por ocasião da colocação do retrato de Jorge na Sala do Diretório do Conselho Nacional de Geografia, traçava, em poucas linhas, a fisionomia moral e as feições intelectuais do companheiro desaparecido. Poucas vêzes ouvi tão merecidas palavras ditas com tanta sinceridade! Colocou-o entre os mestres da geografia brasileira, entre os mais operosos de seu tempo, pelos escritos e pela infatigável atuação.

Não vem ao caso repetir aqui o que Jorge Zarur conseguiu nos Estados Unidos para os serviços de geografia a executar no Brasil. Sua iniciativa e sua ação foram de grande proveito. Em 1952, em Washington eu ficava surpreendido do prestígio de que gozava êle entre as altas autoridades do Instituto Panamericano de Geografia e

historia. Chamavam-no de "Zarur of Brazil" e sempre eram bem recebidas as suas idéias e seus planos. Ao nosso então embaixador, cheguei a dizer: "A, B e C mandam na geografia panamericana, mas quem manda neles é o Zarur". E subitamente, desaparece esta fonte de inspiração!

Quanto a mim, que mais poderia ter feito para o meu filho Jorge? Nada. Ele já me tinha ultrapassado nos estudos de geografia: discutíamos geopolítica... Dêle eu só podia esperar simpatia, cordialidade, gratidão. Ah! Esta nunca me faltou. Como podia imaginar que tão diminutos serviços prestados a um jovem pudessem despertar, durante três décadas, tão sincero e desinteressado reconhecimento? Meu filho Jorge era profundamente bom; embora em posição de destaque era simples com os colegas e, comigo, sempre atencioso, seguia meus conselhos, mesmo quando exigentes e severos. Generoso com todos, comigo foi generoso ao extremo: nunca hesitou em me proporcionar o que julgava me pudesse ser útil ou satisfazer.

Foi-se o amigo, o momento de sua vida em que, em plena atividade, tinha planos novos a executar, convites para lecionar nos Estados Unidos, conferências a fazer, livros e artigos a escrever. Três dias antes da tragédia, discutíamos ainda uma aula inaugural que não foi dada. Seus numerosos afazeres lhe comprometeram a saúde; o seu otimismo não o deixava ver o mal que a si próprio estava fazendo, deixando de atender aos reiterados conselhos de sua meiga companheira e de seus amigos.

Quanto ainda lhe restava a fazer! Quanto esperava dêle o nosso Brasil! O seu trabalho sobre o São Francisco, um rasgo de patriotismo, a sua tese de concurso para o Pedro II, uma estaca de eficiência profissional, seus artigos, seus pareceres, tudo prometia ainda muitos anos de produção. Entretanto, de um momento para outro, cruelmente, em poucas horas, tudo cessou para sempre e a nossa terra perdeu um dos seus filhos mais distintos, Jorge, um filho espiritual, em quem, na minha velhice, eu colocava ainda tantas esperanças!

Delgado de Carvalho

Petrópolis, março de 1957.

ANEXO J – Vídeo de 10 minutos sobre Jorge Zarur.

<http://www.grupogeobrasil.com.br/videos.php?id=155214184>